



A documentação pedagógica na abordagem italiana: apontamentos a partir de pesquisa bibliográfica

*Pedagogical documentation in the Italian approach:
notations of bibliographical research*

Amanda Cristina Teagno Lopes Marques^[a], Maria Isabel de Almeida^[b]

^[a] Doutoranda pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), bolsista Capes e participante do Gepefe – Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Educadores (FE-USP), São Paulo, SP - Brasil, e-mail: ctlamand@gmail.com

^[b] Doutora pela Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo (USP), professora da mesma instituição, e uma das coordenadoras do Grupo de Estudos e Pesquisas sobre a Formação de Educadores (Gepefe), São Paulo, SP - Brasil.

Resumo

O presente artigo tem por objetivo ampliar a compreensão acerca do conceito de *documentação pedagógica* na abordagem italiana para a educação infantil. Apresenta dados coletados a partir de pesquisa bibliográfica realizada junto à Universidade de Bologna, Itália, com financiamento Capes – PDEE (Programa de Doutorado no Brasil com Estágio no

Exterior), tendo como fonte livros e artigos de autores italianos não traduzidos para o português. A documentação, entendida como *atividade de elaboração, comunicação, pesquisa e difusão de documentos* (BISOGNO, 1980), pode representar elemento de qualificação da proposta pedagógica da Educação Infantil ao relacionar-se à reflexão sobre a prática e à formação contínua (BALSAMO, 2006; SACCHETTO, 2002), à construção de memória e identidade (PASQUALE, 2002), à visibilidade do projeto educativo da escola (SPECCHIA, 2001), à comunicação (BENATI, 2005). Trata-se de uma ação sistemática e intencional (BENZONI, 2001) que implica a seleção de objeto, objetivos, interlocutores e modalidades de produção (PARODI, 2001); documenta-se para si mesmo, para as famílias, para e com as crianças. A documentação relaciona-se ao planejamento, à avaliação e à publicização do trabalho, e deve ser compreendida como elemento inerente à profissionalidade docente.

Palavras-chave: Documentação pedagógica. Educação infantil. Abordagem italiana.

Abstract

This article aims to broaden the understanding about the concept of pedagogical documentation in the Italian approach to children education. It presents data collected from the literature research made at the University of Bologna, Italy, funded by Capes - PDEE (Doctoral Program in Brazil with Internship Abroad), having as sources books and articles of Italian authors which are not translated into Brazilian Portuguese. The documentation, 'understood as an activity of preparation, communication, research and dissemination of documents' (BISOGNO, 1980), may represent a qualification element of the pedagogical proposal of children education when it relates to the reflection on practice and continuous education (BALSAMO, 2006; SACCHETTO, 2002), to the construction of memory and identity (PASQUALE, 2002), to the visibility of the school's educational project (SPECCHIA, 2001), to communication (BENATI, 2005). It is a systematic and intentional action (BENZONI, 2001) that involves the selection of the object, objectives, interlocutors and production modalities (PARODI, 2001); it is documented for itself, for families, for and with children. The documentation relates to planning, evaluation and publicity of work, and it must be understood as an element inherent to the teaching profession.

Keywords: Pedagogical documentation. Children education. Italian approach.

Introdução

No contexto brasileiro, o conceito de *registro de práticas* começa a ter maior destaque no meio acadêmico (por meio da realização de pesquisas sobre o tema) e nas práticas pedagógicas no campo da educação infantil (por exemplo, com a consideração, nos Referenciais Curriculares para a Educação Infantil, do registro e da observação como instrumentos de avaliação do desenvolvimento da criança). A partir de Madalena Freire (1996) – que caracteriza o registro como instrumento metodológico docente e possibilidade de reflexão sobre a prática e apropriação da ação –, o termo passou a ser difundido no contexto brasileiro e aprofundado em pesquisas que tomam como foco o processo de formação contínua de professores (LOPES, 2005, 2009; PROENÇA, 2003; WARSCHAUER, 1993, 2001) e as possibilidades formativas da escrita (ALMEIDA, 2007; CÔCO, 2006; FREITAS, 2006). Conceitos como os de *diário de aula* (ZABALZA, 2004), *portfólio* (SÁ-CHAVES, 2004) e *documentação pedagógica* (GANDINI; GOLDBERGER, 2002; OLIVEIRA-FORMOSINHO; AZEVEDO, 2002) também se fazem presentes e apresentam pontos de aproximação e de distanciamento em relação à ideia de “registro”. Em que pesem as especificidades que cada um dos termos carrega, evidencia-se um pressuposto comum: a concepção de ensino como *práxis* reflexiva.

O termo *documentação pedagógica* chega ao Brasil especialmente a partir da divulgação de bibliografia relacionada à experiência italiana para a educação infantil, com destaque para aquela da cidade de Reggio Emilia. O reconhecimento internacional da qualidade educativa das pré-escolas emilianas contribuiu para a ampla divulgação da experiência, acolhida no Brasil e alimentada pela tradução e publicação de textos por editoras nacionais e a realização de cursos e palestras sobre a abordagem, por vezes assumida como “modelo” para a educação de crianças pequenas e consumida de forma acrítica por educadores.

A ideia de *documentação pedagógica* apresenta-se bastante presente no contexto italiano da Educação Infantil, e assume particularidades nos diferentes espaços, pois não há uma forma única de documentar.

A concepção de documentação na abordagem de Reggio Emilia, por exemplo, insere-se em uma proposta pedagógica mais ampla que considera a importância da escuta e da observação e vê as crianças como “competentes” e portadores de “cem linguagens” (MALAGUZZI, 1999). Mas a práxis da documentação não se resume a esta abordagem; a produção bibliográfica sobre o tema é bastante extensa, e ainda pouco divulgada no contexto brasileiro.

O presente artigo tem por objetivo ampliar a compreensão acerca do conceito de *documentação pedagógica* no contexto italiano, apresentando dados coletados a partir da realização de pesquisa bibliográfica sobre o tema tendo como fonte livros e artigos de autores italianos. A investigação contou com financiamento Capes e foi realizada no período de agosto a dezembro de 2008 junto à Universidade de Bolonha, Itália¹. Integra uma pesquisa de doutorado² mais ampla que tem por objetivo investigar limites e possibilidades da prática do registro quando assumido como cultura pedagógica e postura organizacional no projeto pedagógico da educação infantil.

Sentido e significado da documentação educativa

A documentação pedagógica assume papel central na abordagem italiana para a educação infantil não apenas a nível teórico, mas como instrumento metodológico que se relaciona de maneira direta ao planejamento, à avaliação, à comunicação com as famílias, à construção de memória sobre as experiências. Em termos bibliográficos, a produção é bastante extensa, incluindo livros, capítulos de livros e artigos em revistas especializadas, além de publicações institucionais resultantes de seminários e encontros sobre o tema promovidos pela administração municipal

¹ No contexto italiano realizamos pesquisa bibliográfica, estudo de caso em uma escola municipal de educação infantil da cidade de Bolonha, visitas a Centros de Documentação (nas cidades de Bolonha, Modena, Reggio Emilia e Ferrara) e entrevistas.

² MARQUES, A. C. T. L. *A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil*. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

e/ou regional. Em termos práticos, os Centros de Documentação presentes em muitas cidades³, e os arquivos disponíveis *online* podem representar uma amostra do que é produzido nas escolas – o que não significa a inexistência de desafios a serem superados, dentre eles as grandes disparidades regionais.

A documentação pedagógica desenvolve-se no contexto italiano especialmente entre os anos 1960 e 1970 em meio à efervescência cultural que trouxe consigo, no âmbito educacional, a necessidade de produzir novas formas de fazer escola (FRONTELLI, 2001). Mais tardiamente, porém, é reconhecida legal e formalmente pelo sistema educacional, com a publicação das *Orientações da atividade educativa nas escolas maternas estatais* (MINISTERO DELLA PUBBLICA ISTRUZIONE, 1991), que afirma a documentação em seu sentido técnico-didático, e não apenas burocrático (MAVIGLIA, 2000).

Em linhas gerais, podemos conceituar *documentação pedagógica* como *sistematização do trabalho pedagógico*, produção de memória sobre uma experiência, ação que implica a seleção e a organização de diferentes registros coletados durante o processo. Segundo Bisogno (1980, p. 17), a documentação (em sentido geral) é uma atividade de *elaboração, comunicação, pesquisa e difusão de documentos*.

Aproximando-nos à produção de diferentes autores sobre o tema, podemos indicar algumas categorias ou conceitos que se fazem presente nas formulações: documentação como *memória* (BENATI, 2005; BRESCI et al., 2007; MANFERRARI, 1998; MASELLI, 1998; PASQUALE, 2002; SERRA, 1997); documentação e *identidade* (MANFERRARI, 1998; MASELLI, 1998; PASQUALE, 2002); documentação e *visibilidade do projeto educativo* (SPECCHIA, 2001); documentação e *avaliação* do trabalho (MAVIGLIA, 2000); documentação como *comunicação* (BENATI, 2005; BRESCI et al., 2007); documentação e *pesquisa* sobre a ação docente (BORGHI, 1995; BENATI, 2005); documentação como *fonte de informação*

³ Na região da Emilia Romagna, pudemos visitar os Centros de Documentação das cidades de Bologna, Reggio Emilia, Modena e Ferrara.

e de conhecimento (BENATI, 2005); documentação e *reflexão* crítica sobre a prática (SPECCHIA, 2001); documentação e *formação contínua* (BENATI, 2005; BRESCI et al., 2007; MANFERRARI, 1998; MASELLI, 1998; PASQUALE, 2002; SACCHETTO, 2002); documentação e construção da *identidade profissional* (SERRA, 1997).

Pasquale (2002) caracteriza a documentação como *recuperação, escuta e reelaboração da experiência* por meio da narração de um percurso e da explicitação de pressupostos das escolhas realizadas. Balsamo, em curso de formação para educadores⁴, considera a documentação educativa *identidade visível da escola*, instrumento vital e dinâmico de planejamento e avaliação, parte do percurso educativo que permite o *confronto* entre intencionalidade e experiência concreta. A documentação é uma forma de comunicação, de produção de informação e conhecimento a partir da *reflexão sobre a experiência* por meio da negociação em grupo.

A documentação pode ser considerada *práxis reflexiva* sobre o projeto e sobre a vivência, processo ligado à programação e à avaliação, à experiência, mas dotado de especificidades: a documentação como *elaboração da experiência* que faz emergir o *sentido* do vivido, o conhecimento do processo e a identificação do referencial teórico-metodológico da ação. Documentar não apenas como narração, mas como explicitação de conceitos-chave, escolhas metodológicas; em síntese, um processo de formação.

A documentação é apontada ainda como elemento essencial à *qualificação* da oferta formativa, instrumento intrínseco à ação pedagógica e relacionado ao planejamento e à avaliação (BALSAMO, 2006; BORGHI, 1995; BRESCI et al., 2007; MELUCCI, 1998; SPECCHIA, 1996). A documentação, portanto, relacionada à construção da *qualidade* da ação pedagógica.

Para Sacchetto (2002), a documentação relaciona-se ao processo de formação permanente, e representa um instrumento a ser utilizado nos processos de formação em serviço: partindo da documentação, reflete-se sobre a ação didática e sobre as teorias e concepções que a fundamentam;

⁴ "La valigia degli attrezzi: la documentazione cartacea", curso coordenado por Carmen Balsamo no Laboratório de Documentação e Formação de Bolonha entre novembro e dezembro de 2008.

a documentação nada mais é do que a reflexão sobre as mudanças, os processos, a intencionalidade educativa presente no trabalho cotidiano.

Documentar implica selecionar um foco a partir de objetivos e intenções explicitados pelo grupo de educadores, ou por um educador individualmente. É uma forma de *comunicação* (MONTI, 2001), e sempre uma *representação da realidade* construída com base em concepções implícitas ou explícitas daqueles que a organizam. Implica decisões sobre *o que* documentar, *por que*, *para quem*, *como* fazer; demanda coleta de dados, seleção de informações, organização de uma estrutura narrativo/descritiva de modo a construir um sentido à experiência acessível ao leitor.

De acordo com Parodi (2001), a documentação pode se tornar um momento importante de crescimento cultural e profissional, e ainda possibilitar o aprimoramento da capacidade organizativa e projetual da escola. É uma forma de conferir visibilidade ao projeto educativo, possibilitando a produção de memória, a elaboração da “cultura” da instituição, a definição de sua identidade e a avaliação. Trata-se de uma ação planejada e intencional que pode ocorrer de diferentes maneiras, com diferentes conteúdos, produtores e destinatários (PARODI, 2001, p. 8):

- 1) QUEM documenta: os professores individualmente ou em grupo, os órgãos colegiais, as comissões de trabalho, os próprios alunos.
- 2) O QUE se documenta: a atividade didática, administrativa e organizativa da escola; a programação das intervenções, as experiências realizadas, os resultados, as iniciativas mais originais, mas também o percurso formativo do aluno, a história do grupo.
- 3) ONDE se documenta, com quais instrumentos: o registro de classe, o diário do professor, o projeto, os planos de trabalho, o “diário de bordo”, os registros das reuniões, os audiovisuais, os arquivos eletrônicos, os murais e cartazes, as exposições, os álbuns fotográficos.
- 4) QUANDO se documenta: incessantemente, antes, durante e depois da realização de atividades, individualmente e em grupo, no horário de serviço, mas também fora do espaço institucional.

- 5) PORQUE se documenta: para conservar a memória do trabalho desenvolvido, para mostrá-lo aos outros, a pedido institucional, para adquirir consciência sobre as escolhas didáticas e educativas, para replanejar.
- 6) COMO se documenta: narrando as experiências, expondo os materiais, sintetizando os elementos essenciais, representando com esquemas, gráficos, tabelas.
- 7) PARA QUEM se documenta: para si mesmo, para os colegas, para órgãos externos, para a instituição, para as famílias e, no caso da documentação produzida pelas crianças, para os colegas de classe, da escola ou de outra instituição, para si mesmas e para os pais.

Documentar implica distanciamento, reflexão e pausa diante do ritmo intenso do trabalho educativo. Significa apropriar-se da experiência e buscar conferir sentido e unidade àquilo que parece fragmentado e desconexo. A documentação faz referência ao passado, mas é orientada fortemente ao futuro, possibilitando a *construção de significados* (EDWARDS; GANDINI; FORMAN, 2002), entendido como aprofundamento do entendimento do trabalho pedagógico. Não se trata de um mero exercício arquivístico, mas sim da realização de “percurso de autoanálise” (PARODI, 2001, p. 9) que implica a percepção de aspectos significativos da atividade didática, a tomada de consciência de elementos não compreendidos em suas implicações, o confronto, o aprofundamento de dimensões da profissionalidade docente antes ignorados.

De acordo com Malaguzzi (1999), a documentação representa uma forma de dar visibilidade ao trabalho desenvolvido nas instituições de Educação Infantil e à criança enquanto pessoa e ser pensante.

A documentação e suas funções

Bassoto (2001) caracteriza gêneros e funções da documentação tomando como ponto de partida três abordagens:

- 1) *Abordagem Comunicativa*: arquivos, mostras, exposições, catálogos, *sites* são alguns exemplos de documentação nos quais materiais e produções são colocados à mostra ao público. Trata-se de uma forma de documentação direta que tem uma finalidade eminentemente informativa e comunicativa. Fazem parte desse gênero também os documentos de avaliação dos alunos e o Plano da Oferta Formativa (POF) elaborado pelas escolas⁵, a Carta de Serviços e os Regulamentos das escolas, cuja modalidade é a comunicação social (assegurar informação e comunicação entre a escola e a sociedade).
- 2) *Abordagem Hermenêutica*: este tipo de documentação não se limita a apontar os resultados, mas objetiva possibilitar a interpretação e o entendimento do agir educativo e de seus fundamentos – o “porquê” e o “como” da ação didática. Trata-se da documentação dos processos, realizada mediante a *narração*.
- 3) *Abordagem da Pesquisa*: tem objetivos informativos e cognoscitivos com a tarefa de transformar a natureza e a qualidade dos serviços formativos. Os gêneros documentativos são os relatórios de pesquisa, os materiais para formação, os instrumentos de pesquisa que os grupos de pesquisa didática levam a campo, a pesquisa aplicada (ainda pouco difundida na Itália, segundo o autor).

Em relação às *intenções/motivações* para documentar, Benzoni (2001) organiza-as a partir das seguintes categorias:

- 1) *Documentar para descobrir e conhecer*: a documentação como ocasião para refletir e identificar o imaginário pedagógico latente, possibilitando questionar a filosofia educativa quanto ao papel da criança, ao estilo educativo do adulto, a relação entre os educadores, as características do contexto; a documentação como itinerário de autoanálise permanente que favorece a reflexão sobre

⁵ Semelhante ao nosso Projeto Político-Pedagógico.

o estilo educativo e de ensino, a qualidade da mediação didática, a relação entre intencionalidade pedagógica e prática concreta, uma *documentação como sustento de processos de pesquisa*.

- 2) *Documentar para analisar e reconstruir/reprojetar*: documentação como possibilidade de analisar o próprio percurso didático-educativo com a finalidade de ampliar a consciência profissional tendo em vista a avaliação da ação e o replanejamento. Nessa hipótese, a documentação pode ocorrer durante a realização do percurso didático (protocolo de observação, de conversação, áudio e vídeo, diário), ou após o processo (modo de reconstruir a atividade desenvolvida, as escolhas realizadas e de avaliar a distância entre a intenção e a ação).
- 3) *Documentar para “manter memória”*: documentação como possibilidade de conservar memória das experiências, entendendo memória em sua relação com a identidade. As etapas: recuperação de fontes de dados disponíveis; análise atenta e aprofundada dos dados; definição do quadro conceitual no qual se inscrevem as interpretações possíveis, explicitando aspectos a serem evidenciados em relação aos objetivos (por exemplo, fazer emergir dos dados o ponto de vista das crianças ou dos pais, ou evidenciar o desenvolvimento profissional dos educadores, ou apresentar a evolução do projeto em si). Quanto aos critérios para orientar a seleção dos dados, são apontados: *representatividade* (necessidade de perguntar-se sobre o que é relevante para descrever e interpretar o percurso), *pertinência* (relação entre os vários dados informativos), *coerência* (em relação aos critérios que orientam a seleção e a leitura dos dados). A documentação visa à tessitura de uma narração única e coerente de um projeto colocado em ação com consistência e profundidade, permitindo a construção de sentido.
- 4) *Documentar para “estar em relação” com os alunos*: documentação como ocasião para elaborar junto às crianças formas de “memória histórica pessoal” (BENZONI, 2001, p. 57) que lhes

permitam reconstruir por si sós a experiência, adquirindo consciência das próprias mudanças. A intervenção do adulto dá-se no sentido de estimular a criança a produzir marcas que representem as experiências vivenciadas, e a organizá-las de modo da possibilitar a percepção do sentido dos percursos, o que favorece os processos de reconstrução de sua própria história e de construção de identidade (BENZONI, 2001, p. 58).

- 5) *Documentar para informar e comunicar*: documentação produzida com o intuito de promover a comunicação e a relação com as famílias, fornecendo informações que as possibilitem conhecer os itinerários e as escolhas pedagógicas e didáticas, e permitam criar ocasiões de debate e confronto entre pontos de vista.

Nesse sentido, não apenas os educadores produzem documentação, mas também as crianças o fazem como forma de construir memória de suas experiências e apropriar-se do próprio processo de aprendizagem. A documentação produzida pelo corpo docente, por sua vez, pode ser endereçada às famílias (como forma de conferir publicidade e visibilidade ao trabalho pedagógico), a outros educadores, ou à própria equipe, enquanto instrumento de planejamento e avaliação da ação.

Para Borghi (1995), a documentação pode ser entendida como projeto, memória ou autoconhecimento; pode-se documentar para projetar, para recordar ou para pesquisar a ação didática. De acordo com Massa (1998), a documentação assume uma *função estratégica* por representar a possibilidade de reapropriação de saber e de poder, de compreensão crítico-reflexiva do trabalho através da reelaboração (afetiva e cognitiva) do sentido e do significado da experiência. A documentação produz saberes, o que representa um gesto de exercício de poder, segundo o autor.

Edwards et al. (1999) assim sintetizam essas funções da documentação: 1. Oferecer às crianças uma memória do que disseram e do que fizeram, como ponto de partida para os próximos passos na aprendizagem; 2. Oferecer aos educadores uma ferramenta para pesquisas e para melhoria da ação; 3. Oferecer aos pais e ao público informações sobre o trabalho da escola.

A documentação implica *fazer-se entender* (SACCHETTO, 1998), estabelecer comunicação considerando os diferentes interlocutores – o próprio autor, os outros educadores, a família, as crianças. Existem, portanto, diferentes modalidades de documentação: 1. Documentação para si – possibilidade de refletir sobre sua própria ação; 2. Documentação para o outro – dar transparência e divulgar o trabalho; 3. Documentação para a criança – construir com ela testemunho da experiência vivida; 4. Documentação da criança por si mesma – possibilitando reunir traços de memória (BALSAMO, 2006). A documentação permite a construção de memória, a reflexão, a socialização de experiências e conhecimentos. Possibilita ainda aos coordenadores pedagógicos⁶ que acompanham territorialmente as escolas analisar os processos experimentais e promover o desenvolvimento dos serviços.

A documentação ajuda os educadores a escutar e observar as crianças, permitindo conhecê-las melhor para respeitá-las. É um processo cooperativo de leitura das experiências e reflexão sobre elas (GANDINI; GOLDBERGER, 2002, p. 150) que possibilita entender como as crianças exploram e constroem o mundo, e como acontecem seus processos de aprendizagem.

A documentação relaciona-se de maneira direta com o processo de *progettazione*, ou “planejamento flexível” (GANDINI; GOLDBERGER, 2002), que é alimentado pela documentação, e também a alimenta. Isso implica um modo não linear de compreensão do trabalho educativo, que se desenvolve de forma circular na qual observação, estudo, programação, verificação e documentação estão presentes e compõem os diferentes momentos do processo (MANFERRARI, 1998).

As funções da documentação, portanto, são múltiplas, e relacionam-se aos seus *destinatários*: administração, técnicos, crianças, famílias,

⁶ Na Itália, o coordenador pedagógico não pertence ao quadro da escola, mas atua como consultor, auxiliar e coordenador de diversas creches e pré-escolas (EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. *As cem linguagens da criança: a abordagem de Reggio Emília na educação da primeira infância*. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999).

educadores que a produziram (PASQUALE, 2002). *Documentar para as crianças* pode representar a possibilidade de perceber as próprias conquistas e processos; *documentar para as famílias* pode favorecer a comunicação, o diálogo e a socialização do projeto educativo; *documentar para os professores* pode ser um instrumento para compartilhar e reforçar elementos do projeto educativo, planejar e refletir sobre a ação (BRESCHI et al., 2007).

A documentação como processo

Documentar pressupõe a construção de um *projeto* de documentação, e implica uma *seleção*: o que documentar, para que documentar, para quem, como (quais os suportes: papel, vídeo etc.), quem documenta, qual o contexto de utilização da documentação (interno ou externo à escola), como organizar o trabalho, quais os materiais necessários (PASQUALE, 2002).

As *etapas* do processo de documentação podem ser assim destacadas: 1. Coleta de materiais; 2. Sistematização dos materiais (seleção e tratamento); 3. Conservação dos produtos (arquivo, catalogação); 4. Difusão (SPECCHIA, 2002). Como salientam Balsamo et al. (2006), a documentação não significa simplesmente a coleta de dados, mas sua elaboração tendo em vista a *compreensão* e a *análise crítica* da experiência.

Portanto, do ponto de vista *metodológico*, é preciso selecionar o *foco* da documentação; é preciso coletar materiais e *elaborá-los*, o que implica a construção de um *fio condutor* que perpassa a narração e permite o aprofundamento da compreensão da experiência e a comunicação de uma mensagem.

Considerando a documentação como um “particular objeto informativo”, comunicação (PASQUALE, 2002), faz-se necessário atentar para a *legibilidade* do produto, avaliar estrutura, presença de foco temático, estruturação da mensagem e linguagem (palavras, imagens e sons) utilizada. Pensar sobre forma, suporte, estrutura é parte da ação de planejamento da documentação.

Um aspecto importante a ser destacado diz respeito às condições objetivas de trabalho. Documentar demanda a existência de tempo e espaço institucionais, já que as ações de observar, coletar dados, analisar, organizar o pensamento, torná-lo público não são tarefas simples. Além disso, a documentação deve ser assumida como *atividade sistemática* (BERGONZONI; CERVALLATI; SERRA, 1998), o que depende da forma de organização dos serviços e das condições de trabalho dos profissionais. *Priorizar a documentação* parece ser um caminho possível (DAHLBERG; MOSS; PENCE, 2003).

Antonietti (2004), em pesquisa explorativa sobre as modalidades de documentação nos serviços para a infância (0 a 6 anos) de Reggio Emilia, aponta para a existência de uma *gestão ampliada e compartilhada* do papel de 'documentarista', ou seja, a documentação como atividades essencialmente – mas não necessariamente – *coletiva*. Nesse sentido, a documentação pode se tornar ocasião para recuperar o sentido da experiência, avaliar a ação, refletir coletivamente, e fortalecer o projeto pedagógico da escola.

Bergonzoni et al. (1998) consideram que a existência de Centros de Documentação⁷ pode facilitar o processo, oferecendo espaços estruturados para aquisição de informações e conhecimentos teórico e prático por meio de cursos, consulta a materiais e assessoria. Avaliamos que a existência de um espaço institucional de coleta e arquivo de documentação produzida por educadores representa um avanço no sentido da construção de uma *cultura da documentação* que extrapole os muros da escola, e que certamente representa a qualificação da proposta pedagógica para a educação infantil.

⁷ Os Centros de Documentação e Formação são abertos à visitação e têm como atividades principais produzir e catalogar documentações (materiais escritos e vídeos), manter a memória do patrimônio cultural e social dos serviços educativos e escolares; auxiliar o processo formativo dos educadores; sustentar processos educativos experimentais e inovadores e, em última instância, promover a cultura da infância (Disponível em: <www.comune.bologna.it/istruzione>. Acesso em: 7 set. 2007).

Referências

- ALMEIDA, B. de. Escrita e formação de professores: possibilidades do diálogo para o desenvolvimento profissional. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 29., 2006, Caxambu. **Anais...** 2006. Disponível em: <www.anped.org.br/reunioes/29ra/29portal.htm>. Acesso em: 6 nov. 2007.
- ANTONIETTI, M. **Modalità di documentazione dei processi educativi nei servizi per l'infanzia**. Reggio Emilia: Università di Modena e Reggio Emilia, 2004.
- BALSAMO, C. et al. Tracce, percorsi, processi: per una documentazione di qualità. **Hacca Parlante**, n. 4, p. 7-53, 2006.
- BASSOTTO, I. Generi di documentazione nella letteratura pedagogica. In: BENZONI, I. (Org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Junior, 2001. p. 59-71.
- BENATI, M. et al. **Il senso e il significato della documentazione educativa**. Modena: Multicentro Educativo Modena Segio Neri, 2005.
- BENZONI, I. La documentazione e le sue funzioni. In: BENZONI, I. (Org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Junior, 2001. p. 43-66.
- BERGONZONI, A.; CERVELLATI, M.; SERRA, M. **Documentare tra... memoria e desiderio**. Modena: Centro di Documentazione Educativa di Modena, 1998.
- BISOGNO, P. **Teoria della documentazione**. Milano: Franco Angeli, 1980.
- BORGHI, B. Q. Il bisogno di governare il caos. **Bambini**, anno 11, n. 9, p. 36-38, 1995.
- BRESCI, L. et al. La documentazione: un modo di fare educazione. **Scuola dell'infanzia**, Dossier 1, p. 3-29, 2007.
- CÔCO, V. **A dimensão formadora das práticas de escrita de professores**. 2006. 262 f. Tese (Doutorado em Linguagem, Subjetividade e Cultura) – Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, Rio de Janeiro, 2006.
- DAHLBERG, G.; MOSS, P.; PENCE, A. **Qualidade na educação da primeira infância: perspectivas pós-modernas**. Porto Alegre: Artmed, 2003.

EDWARDS, C.; GANDINI, L.; FORMAN, G. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999.

FREIRE, M. **Observação, registro e reflexão**: instrumentos metodológicos I. São Paulo: Espaço Pedagógico, 1996.

FREITAS, M. T. **A escrita no processo de formação contínua do professor de matemática**. 2006. 165 f. Tese (Doutorado em Educação: Educação Matemática) – Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2006.

FRONTELLI, E. La scuola si racconta: la visibilità della documentazione. In: BENZONI, I. (Org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Junior, 2001. p. 89-102.

GANDINI, L.; GOLDBERGER, J. Duas reflexões sobre a documentação. In: GANDINI, L.; EDWARDS, C. (Org.). **Bambini**: a abordagem italiana à educação infantil. Porto Alegre: Artmed, 2002. p. 150-169.

LOPES, A. C. T. **Registro de práticas**: formação, memória e autoria – análise de registros no âmbito da educação infantil. 2005. 189 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

LOPES, A. C. T. **Educação Infantil e registro de práticas**. São Paulo: Cortez, 2009.

MALAGUZZI, L. História, ideias e filosofia básica. In: EDWARDS, C. et al. **As cem linguagens da criança**: a abordagem de Reggio Emília na Educação da Primeira Infância. Porto Alegre: Artes Médicas Sul, 1999. p. 59-104.

MANFERRARI, M. Tra progettazione e documentazione. In: BALSAMO, C. **Dai fatti alle parole**: riflessione a più voci sulla documentazione educativa. Bologna: Junior, 1998. p. 149-151.

MARQUES, A. C. T. L. **A construção de práticas de registro e documentação no cotidiano do trabalho pedagógico da educação infantil**. São Paulo: Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, 2010.

MASSA, R. La documentazione come strategia pedagogica e come tattica educativa. In: BERGONZONI, A.; CERVELLATI, M.; SERRA, M. **Documentare tra... memoria e desiderio**. Modena: Centro di Documentazione Educativa di Modena, 1998. p. 35-42.

MASELLI, M. Sulla documentazione. In: BERGONZONI, A.; CERVELLATI, M.; SERRA, M. **Documentare tra... memoria e desiderio**. Modena: Centro di Documentazione Educativa di Modena, 1998. p. 54-60.

MAVIGLIA, M. **Progettualità e didattica nella scuola dell'infanzia**. Bergamo: Junior, 2000.

MELUCCI, A. Memoria dell'avvenire: la documentazione nei contesti istituzionali. In: BERGONZONI, A.; CERVELLATI, M.; SERRA, M. **Documentare tra... memoria e desiderio**. Modena: Centro di Documentazione Educativa di Modena, 1998. p. 28-34.

MINISTERO DELLA PUBBLICA ISTRUZIONE. **Orientamenti dell'attività educativa nelle scuole materne statali**. Roma: Ministero della Pubblica Istruzione, 1991.

MONTI, I. La documentazione oltre la scuola. In: BENZONI, I. (Org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Junior, 2001. p. 111-118.

OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; AZEVEDO, A. O projeto dos clautros: no Colégio D. Pedro V: uma pesquisa cooperada sobre o processo de construção da qualidade. In: OLIVEIRA-FORMOSINHO, J.; KISHIMOTO, T. M. (Org.). **Formação em contexto: uma estratégia de integração**. São Paulo: Pioneira Thomson Learning, 2002. p. 109-152.

PASQUALE, M. **L'arte di documentare: perchè e come fare documentazione**. Milano: Marius, 2002.

PARODI, M. Prefazione. In: BENZONI, I. (Org.). **Documentare? Sì, grazie**. Ranica: Junior, 2001. p. 5-11.

PROENÇA, M. A. de R. **O registro reflexivo na formação contínua de educadores**: tessituras da memória na construção da autoria “AMACORD”... 2003. 206 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2003.

SÁ-CHAVES, I. **Portfolios reflexivos**: estratégias de formação e de supervisão. Aveiro: Universidade de Aveiro, 2004.

SACCHETTO, P. Prefazione. In: BALSAMO, C. **Dai fatti alle parole**: riflessione a più voci sulla documentazione educativa. Bologna: Junior, 1998. p. 5-8.

SACCHETTO, P. Memoria, documentazione, formazione. **Bambini**, v. 1, n. 7, p. 14-19, 2002.

SERRA, M. Documentazione: quattro parole-chiave. **Innovazione Educativa**, v. 1, n. 1/2, p. 19-20, 1997.

SPECCHIA, A. La documentazione nella scuola dell'infanzia. **Infanzia**, v. 1, n. 7, p. 29-32, 1996.

SPECCHIA, A. Documentare a scuola: perchè e come. **L'Educatore**, v. 1, n. 15, p. 16-22, 2001.

WARSCHAUER, C. **A roda e o registro**: uma parceria entre professor, alunos e conhecimento. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993.

WARSCHAUER, C. **Rodas em rede**: oportunidades formativas na escola e fora dela. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001.

ZABALZA, M. A. **Diários de aula**: um instrumento de pesquisa e desenvolvimento profissional. Porto Alegre: Artmed, 2004.

Recebido: 12/08/2011

Received: 08/12/2011

Aprovado: 20/11/2011

Approved: 11/20/2011